

**Testemunho de Maria Voce
Presidente do Movimento dos Focolares**

“Comunhão num só batismo”

Há dez anos eu visitei a Irlanda pela primeira vez. Vim para estar ao lado de uma amiga querida, Lieta Betño, nos últimos dias de sua vida. Era argentina e passara trinta anos da sua vida na Irlanda, na comunidade do Movimento dos Focolares. Várias vezes eu a escutara falar da acolhida calorosa que havia recebido nesse país. Durante a minha breve visita, além de ter admirado lindos arco-íris, eu também gozei do caloroso espírito de família nas comunidades que encontrei.

O mesmo espírito encontro aqui, entre vocês, e é uma alegria estar presente neste Congresso Eucarístico Internacional.

Foi-me pedido para dar um breve testemunho sobre o tema “Comunhão num só batismo”.

O batismo. Sem sombras de dúvida o batismo é o sacramento que liga todos os cristãos. Constitui um liame sacramental de unidade.

Como afirma a oitava relação do Grupo conjunto de trabalho da Igreja Católica e do Conselho Ecumênico de Igrejas, sobre as implicações eclesiológicas e ecumênicas do batismo comum: “Todos os cristãos que recebem o único batismo no único corpo de Cristo receberam também um chamado radical à comunhão com todos os batizados”¹.

Motivo pelo qual pode-se dizer que o batismo não nos deu apenas o direito comum ao nome de cristãos, porque incorporados em Cristo, mas também a função específica de construir a comunhão entre nós, amando-nos mutuamente como Jesus nos amou. Dizer “sim” a este chamado é a grande chance da nossa vida. Não é que *devemos* dizer “sim”, mas *podemos* dizer “sim”! E justamente poder dizer sim, e fazê-lo juntos, é a expressão da nossa dignidade de filhos de Deus.

Para fazer isso todos nós cristãos temos nas mãos um grande tesouro: o Evangelho. Sei que, por muitos motivos, o povo irlandês é um povo que nasceu do Evangelho. Desde os primeiros dias do Movimento dos Focolares, Chiara e suas primeiras companheiras descobriram e optaram pelo Evangelho como único código de vida.

O Movimento iniciou em Trento (Itália), em 1943. Havia a guerra, os bombardeios eram constantes, e cada vez que tocava o alarme elas corriam para os refúgios

antiaéreos levando nada mais do que um pequeno livro: o Evangelho. Chiara havia entendido que Jesus é a Verdade e que, portanto, não devia seguir livros, teorias, mas a Ele, atuando as Suas palavras.

Elas o abriam, e eis a grande surpresa: aquelas palavras que haviam escutado tantas vezes antes – porque eram cristãs – iluminavam-se, como se uma luz se acendesse embaixo delas. As entendiam de uma maneira completamente nova e sentiam-se impelidas, certamente pelo Espírito Santo, a colocá-las em prática.

Chiara escreveu: “Pareceram-nos de uma potência revolucionária, de uma vitalidade desconhecida, as únicas capazes de mudar radicalmente a vida. Também a nossa, de cristãos destes tempos”².

Aos poucos, outras pessoas que desejavam viver como Chiara, mergulharam nessas palavras do Evangelho, nutriram-se delas e, comovidas e inebriadas, experimentaram que tudo o que Jesus diz e promete se realiza. “Dai e vos será dado”³. Era uma experiência cotidiana. Davam, davam, davam e recebiam, recebiam, recebiam.

“Pedi e recebereis”⁴. Pediam todo tipo de coisas, para as muitas necessidades. Eram tempos de guerra e havia muita precariedade. E nesse contexto de pobreza geral elas pediam, e chegavam sacos de farinha, caixas de leite, lenha, geleia... que depois distribuía aos pobres da cidade.

Estas experiências passavam de boca em boca. Era um pequeno eco das palavras dos apóstolos. Os apóstolos iam pelo mundo anunciando: “Cristo ressuscitou!”. Elas, com estas experiências, diziam: “Cristo está vivo! Cristo está vivo!”.

A guerra semeava destruição, escombros, mortos. Um dia, Chiara Lubich e suas companheiras encontravam-se num porão escuro, durante um alarme, com o Evangelho nas mãos. Ela o abriu e, à luz de vela, leu a oração de Jesus antes de morrer: “Pai... que todos sejam uma coisa só” (Jo 17, 11-21). Não era um texto fácil para a preparação delas, mas em seus corações brotou a forte convicção de que haviam nascido para aquela página do Evangelho.

Voltaram a encontrar-se na festa de Cristo Rei e disseram a Jesus: “Tu sabes como realizar a unidade. Estamos aqui. Se queres, usa de nós”.

Também a nós, hoje, aqui, Chiara Lubich apresenta novamente unicamente o Evangelho, nada mais que o Evangelho, porque – como dizia – para reencontrar o sentido da vida a humanidade não precisa tanto de pessoas cultas, mas de

sapientes, de gente plena de Espírito Santo, de pessoas verdadeiramente evangélicas⁵.

Já Martin Lutero, em tempos nos quais o conhecimento do Evangelho era reservado a poucos, escrevia: “Devemos estar certos de que a alma pode deixar de lado tudo, menos a Palavra de Deus, e sem a Palavra de Deus nada lhe serve. Mas quando tem a Palavra de Deus (...) possui, na Palavra, suficiente alimento, alegria, paz, luz, engenho, justiça, verdade, sabedoria, liberdade e todo bem e exuberância”. (...) ⁶.

É o Evangelho e a vida da Palavra que pode evangelizar, antes de tudo a nós mesmos, e tornar-nos capazes de iluminar o “porão escuro” que é o mundo que nos rodeia, respondendo aos questionamentos e desafios que a vida coloca diante de nós e de cada homem sobre a terra.

Pessoalmente e todos juntos queremos repetir, com Chiara: “Se, por uma hipótese absurda, todos os Evangelhos da terra fossem destruídos, nós desejaríamos viver de tal modo que as pessoas, observando a nossa conduta, pudessem, de certo modo, reescrever o Evangelho”⁷.

E encontramos quase um eco dessas palavras em um teólogo evangélico do século XVIII, Gerhard Tersteegen, que escreve: “Abra-se até o fim (a Cristo), em silêncio e completamente, como uma folha em branco, de modo que ele mesmo escreva a sua lei no seu coração, pela mão do Espírito Santo, a fim de que você, no seu ser e na sua conduta de vida, torne-se uma sagrada Escritura, uma carta que todos os homens possam ler. Então a Escritura conserva-se um testemunho precioso de Cristo, e se acreditará não apenas por tê-la lido, mas porque Ele foi conhecido e escutado”⁸.

Em seguida o Movimento desenvolveu-se segundo um desígnio certamente escrito no céu, e que revelou-se a nós pouco a pouco. Com uma difusão que alguém definiu “uma explosão”, ultrapassou as fronteiras inicialmente da Itália, depois da Europa, e chegou a todos os continentes. Atualmente está presente em 198 países e em mais de 300 Igrejas e entre pessoas de todas as religiões e convicções.

Pessoalmente, o meu encontro com esta experiência aconteceu em 1959. No ano precedente, durante uma peregrinação, eu havia pedido a Deus que me fizesse encontrar alguém ou alguma coisa que preenchesse completamente aquele vazio

que sentia e que nem eu mesma sabia explicar, já que podia dizer que tinha tudo: uma boa família, o necessário para viver, o sucesso nos estudos...

Em 1959, na capela universitária de Roma, um grupo de jovens que assistiam à Missa tocou-me fortemente. Notava-se que entre eles havia uma alegria, um “ar” diferente. Fiz amizade com eles. E mostraram-me um estilo de vida absolutamente novo.

Lembro-me da minha primeira visita ao focolare (o centro da comunidade do Movimento). Quando eu perguntei: “O que devo fazer para ser como vocês?”, responderam-me que bastava viver o Evangelho, porque trata-se de uma vida, não de uma organização. Jesus estava pedindo-me para iniciar esta nova vida, com Ele.

A primeira experiência que fiz foi a de escutar minha tia por amor a Jesus – mesmo se ela contava coisas que não me interessavam – porque nela, como em todos, eu podia encontrar e amar o próprio Jesus! De fato, o Evangelho diz: “Tudo o que fizeste ao menor dos meus irmãos a mim o fizeste” (Mt 25,40).

Nas comunidades dos primeiros tempos do Movimento, como ainda hoje, sente-se a exigência de contar uns aos outros as experiências feitas, isto é, comunicar-se os frutos da Palavra vivida.

Evidentemente esta era, desde então, uma necessidade do coração. Estava nascendo uma espiritualidade de comunhão, a espiritualidade da unidade, que impulsionava à partilha de todos os bens, não só dos bens materiais. E qual bem maior do que o fruto da Palavra vivida?

Considerando agora o mundo em que vivemos, parece-nos que foi o Espírito Santo que nos sugeriu esta prática, este método, porque diante do atual relativismo generalizado, que muitas vezes torna difícil explicar ou demonstrar logicamente a verdade, a evidência da experiência vivida não admite discussões; pode ser entendida ou não entendida, pode ser apreciada ou não, mas não pode ser contestada porque é experiência, é vida.

Esta comunhão das experiências, no amor mútuo, liga aqueles que estão envolvidos e dá testemunho, como diz o Evangelho: “Disso conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35).

Estive por 10 anos na Turquia, como responsável do Movimento naquela região geográfica. Eu não conhecia nem a cultura nem a língua daquele país, muitas vezes não sabia como me comportar; lá não chegavam notícias do mundo cristão e até os

sinais externos da religião estavam ausentes, as igrejas escondidas, os sinos calados também aos domingos.

E mesmo assim recordo vários momentos em que experimentei a beleza da família que Jesus veio compor sobre a terra.

Como quando, movidos pelo desejo de testemunhar a nossa proximidade, fomos reverenciar os responsáveis das diversas Igrejas cristãs presentes. Fomos ao nosso bispo latino como ao bispo Armênio, ao Patriarca Ecumênico da Igreja Ortodoxa de Constantinopla, como ao Patriarca Armênio apostólico e ao bispo Sírio-jacobita; todas Igrejas fortemente minoritárias e que encontravam dificuldades de todos os gêneros em meio à grande maioria islâmica. Íamos para partilhar sofrimentos, sustentar esperanças, encorajar iniciativas. E o fruto era sempre um novo entusiasmo e alegria.

Com o Patriarcado grego-ortodoxo ligava-nos uma longa história de amizade profunda, iniciada em 1967 com os vários encontros entre Chiara Lubich e o grande Patriarca Athenágoras, e continuada depois com os seus sucessores, Demétrio I e Bartolomeu I.

Aos poucos íamos entrando em contato com muitas pessoas, e com frequência notávamos que não havia uma clara consciência sobre a pertença delas a uma Igreja. Reconheciam-se todos como cristãos e, se isso é bonito e frutuoso para construir relacionamentos, podia, porém, gerar confusão e mal-entendidos entre os responsáveis das Igrejas. Queríamos ajudar difundindo um espírito ecumênico sadio, e fizemos isso procurando favorecer as relações dos nossos grupos com suas respectivas Igrejas.

Lembro que acompanhávamos os grupos de ortodoxos que frequentavam o Movimento para que conhecessem pessoalmente o patriarca deles. Eram sempre encontros muito belos, profundos, de família, nos quais as pessoas redescobriam que tinham um pai e sentiam-se abraçadas pela maternidade de suas Igrejas. O Patriarca, da sua parte, não deixava de demonstrar-nos o seu afeto e a sua estima por esse nosso serviço e também agora, sempre que pode, testemunha a sua gratidão a Chiara Lubich e ao Movimento dos Focolares, pelo genuíno ecumenismo vivido.

Os efeitos da Palavra vivida no Movimento, nestes quase 70 anos, foram inúmeros, e não se pode citar todos.

Porém um deles, fundamental, foi o diálogo ecumênico.

Desde os primeiros momentos dessa nova vida, para Chiara e suas companheiras, a unidade desejada por Jesus no seu testamento, havia se tornado o objetivo ao qual se dirigiam, atuando o amor recíproco.

Antes de tudo o viveram entre elas, fieis da Igreja católica, sem supor os desenvolvimentos que teriam provocado no futuro.

Mas justamente por essa força evangelizadora, fruto da unidade, muito logo o Movimento difundiu-se no mundo, e colocou-se em contato – sob a direção providencial de Deus – com pessoas de várias Igrejas, de diferentes credos ou também sem uma referência religiosa, estabelecendo com todos relações de amor mútuo.

Já o cardeal Bea recordava que quanto mais os cristãos de cada denominação vivessem de maneira profunda o Evangelho mais se aproximariam entre si, porque dessa maneira tornam-se mais semelhantes a Cristo.

Esta mesma expressão, ainda que com outras palavras, encontra-se no documento do diálogo teológico entre a Igreja católica e a Federação Luterana Mundial, que declara: “(...) a escuta comunitária da Palavra de Deus e o apego fiel ao único Evangelho (Cf Gl 1,6-10) são passos indispensáveis no caminho rumo à plena unidade”⁹.

Em quase 70 anos de vida do Movimento constatamos que a espiritualidade comunitária e ecumênica que procuramos viver, fruto de um carisma mandado pelo Espírito Santo para os nossos tempos, liga todos aqueles que a vivem, até que, num certo sentido, sentimo-nos já uma só coisa: um único povo cristão.

Realiza-se assim aquilo que chamamos “o diálogo do povo”, o “diálogo da vida”, entre todos os cristãos. Diálogo por demais urgente, enquanto a história demonstrou que não bastam as conclusões e as tomadas de posição, também avançadas, entre os teólogos, se o povo não está preparado.

Unidos por essa espiritualidade, queremos ser este fermento entre todas as Igrejas e contribuir a acelerar o caminho delas rumo à plena comunhão também visível, também eucarística.

Uma experiência concreta, que dá testemunho e faz progredir esse diálogo é o projeto “Juntos pela Europa”. Uma extraordinária realidade de comunhão entre comunidades e movimentos cristãos (atualmente cerca de 250, entre os quais alguns de Belfast e de outras partes da Irlanda), de várias denominações, de quase todos os países europeus, comprometidos em um caminho de partilha, de

reconhecimento recíproco, de acolhida e de colaboração, em favor do verdadeiro bem do continente europeu, e não só.

No meu discurso procurei mostrar quanto o Evangelho, vivido juntos, com a comunhão das experiências, faz de nós uma coisa só.

Desde o início do Movimento, nas longas horas passadas nos refúgios, vieram em relevo especialmente as palavras do Evangelho que falavam de amor: “Ama o próximo” (Mt 19,19), “Amai os vossos inimigos” (Mt 5,44), “Amai-vos uns aos outros” (Jo 15,17), “Sobretudo que o vosso amor seja sincero” (1 Pd 4,8).

Ora, se formos muitos a viver assim e procurarmos atuar o mandamento de Jesus por excelência: “Como eu vos amei, amai-vos também vós, uns aos outros” (Jo 13, 34), o amor se tornará recíproco. .

E o amor recíproco vivido tem um efeito que é, por assim dizer, uma ideia forte na comunhão entre batizados: permite a presença de Jesus entre muitos cristãos reunidos em seu nome. “Onde dois ou três – disse Jesus – estiverem unidos em meu nome, eu estou no meio deles” (Mt 18,20).

A sua presença em meio a nós insere-nos mais vitalmente na presença de Jesus na Igreja, nos faz Igreja.

Jesus entre um católico e um anglicano que se amam, entre um anglicano e um ortodoxo, entre uma armênia e uma reformada, entre um metodista e um evangélico...

Esta presença de Jesus Ressuscitado é a ajuda mais potente para o caminho dos cristãos rumo à plena comunhão; ilumina os passos a serem dados, dá coragem para atuar os propósitos feitos, faz com que sejam colocadas em comum alegrias e dores.

Além disso, Jesus entre nós impele-nos a olhar juntos ao mundo, como Ele o olhava: para amá-lo, para salvá-lo, para fazer com que todos os homens experimentem a paz, a luz que Ele traz.

Assim a Igreja ultrapassa, de certa maneira, os confins dos edifícios de culto e, na plena comunhão entre todos, faz-se mais próxima da humanidade de hoje, para responder a todas as suas exigências e questionamentos com aquelas respostas que somente o Evangelho pode oferecer.

Gostaria de concluir com uma afirmação de David Stevens, presbiteriano da Irlanda do Norte, morto recentemente, ex-líder de Corrymeela, que fala exatamente do

espaço que o Ressuscitado abre para nós, quando vivemos o Evangelho juntos. Diz: “O Evangelho convida-nos a entrar naquele espaço criado por Cristo e a encontrar nele aqueles que antes eram nossos inimigos... é a visão de uma nova humanidade reconciliada em Cristo, que vive unida, em uma nova comunidade”¹⁰. Que o Ressuscitado nos conceda, pelo batismo e o Evangelho vivido, contribuir para tornar real e visível o encanto dessa visão, e nos dê a alegria de experimentar cada vez mais a Sua presença entre nós.

¹ Joint Working Group (Geneva-Rome 2005), p.69

² Cf c. LUBICH, Ser a tua Palavra, 2008, p. 21.

³ Lc 6,38.

⁴ Mt 7,7.

⁵ c. LUBICH, Ser a tua Palavra, cit., p. 19.

⁶ Fonte: WA 7,20,7-25,4. tradução italiana. A liberdade do cristão, aos cuidados de G.Miegge, Torino, Claudiana 1982, 25-36 em : Emidio Campi, *Protestantesimo nei secoli*, Fonti e documenti, Torino, Claudiana 1991, 35).

⁷ Cf, ID., *Escritos Espirituais*, 1979

⁸ Em ALBERT LÖSCHHORN, *Ich bete an die Macht der Liebe*, Gerhard Tersteegens christliche Mystik, Basel, 1948, Brunnen-Verlag, 120-121 (Nossa tradução do alemão).

⁹ "Caminhos rumo à Comunhão", 1980, n.15, in *Enchiridion Oecumenicum*, vol 1, EDB, 1986, p. 661.

¹⁰ David Stevens, *The Land of Unlikeness* (Dublin: Columba, 2004), p. 80